

Peculiaridades do exercício da *função autor*: uma análise discursiva de “mensagens compartilhadas” no *Facebook*

(Peculiarities of the exercising the author function in social networks: a discursive analysis of *shared messages* on Facebook)

Pâmela da Silva Rosin¹, Luzmara Curcino²

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística – Universidade Federal de São Carlos

² Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística – Universidade Federal de São Carlos

pamelasilvarosin@gmail.com; luzcf@ufscar.br

Abstract: The popularity of social networks has allowed for, among other practices, the increase in the circulation and sharing of *quotes*, in the form of messages (about friendship, love, etc.), attributed to several celebrities, among whom renowned literary authors. The actual authorship of any given quote then became the cause of discussions in social networks. In this article, we conduct a discursive analysis of those *phrases* in order to describe their behavior based on the analysis of writing strategies applied in their production and the comments by readers about authorship in those messages. To that end, we will utilize theoretical and methodological assumptions from Discourse Analysis, especially from Michel Foucault's thoughts on the *author function* and principles of Cultural History concerning authorship, based on texts by Roger Chartier.

Keywords: Authorship; Detached Utterances; Social Networks; Discourse Analysis; Cultural History of Reading

Resumo: A popularidade das redes sociais proporcionou, entre outras práticas, o aumento da circulação e compartilhamento de “frases”, sob a forma de mensagens (de amizade, amor, etc.), atribuídas a diversos autores, entre eles autores literários consagrados, cuja propriedade na indicação da autoria tornou-se motivo de discussões na própria rede. Neste artigo, visamos a empreender uma análise discursiva dessas “frases” de modo a descrevermos seu funcionamento a partir da análise de estratégias de escrita empregadas em sua produção e da análise de comentários dos leitores acerca da autoria dessas mensagens. Para tal, mobilizaremos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, especialmente a partir de considerações de Michel Foucault acerca da “função autor” e princípios da História Cultural concernentes à autoria, com base em textos de Roger Chartier.

Palavras-chave: Autoria; Enunciados Destacados; Redes Sociais; Análise do Discurso; História Cultural da Leitura.

Considerações iniciais

A criação da internet, ou mais precisamente da *Web 2.0*¹ e suas ferramentas, tais como *blogs*, *sites* e redes sociais, proporcionou ao crescente número de usuários a produção de conteúdos, a interação com conteúdos produzidos, a postagem de comentários, a venda e compra de produtos, entre outras atividades viabilizadas pelos computadores, *tablets*, *smartphones* e outros aparelhos com acesso à internet. As práticas possibilitadas pela inserção dessas novas ferramentas promoveram também alterações nas formas de

¹ A *Web 2.0* caracteriza-se pelo modo de interação dos usuários que consiste na troca de informações e criação de conteúdo de modo colaborativo, o que a diferencia da *Web 1.0*, em que a criação de conteúdo construía-se de modo *offline* sem a colaboração em tempo real de seus usuários como hoje é possibilitada pelos recursos existentes, tais como *sites*, *blogs*, *microblogs*, *wikis*, redes sociais, etc.

escrita e de leitura a que estávamos habituados. Dentre as possibilidades de comunicação no meio virtual, voltamo-nos para aquelas realizadas graças ao crescimento notável de *sites* de redes sociais que, de certo modo, visam a assemelhar-se às interações realizadas social e presencialmente, em nossa vida diária. Nesse espaço são permitidos aos seus usuários o acesso a textos de diversas origens e extensões, oriundos, por vezes, de meios de comunicação e informação tradicionais, assim como a realização de postagens e o compartilhamento de conteúdos de âmbito político, esportivo, artístico, e vários outros.

Nesse cenário, em que é viabilizado a seus usuários não apenas o contato, mas também a produção de diferentes textos, testemunha-se a anunciada revolução eletrônica que, em certa medida, altera nossas relações com a escrita e com a leitura, nessa passagem da cultura do(s) impresso(s) para a cultura da(s) tela(s). Com o objetivo de contribuir para a compreensão do impacto dessa revolução sobre as referidas práticas, voltamos nossa atenção para a crescente produção e circulação de um tipo de texto peculiar, presente em páginas e perfis de *sites* de redes sociais, composto de enunciados relativamente breves, referenciados com um nome de autor, em sua maioria ilustrados por imagens, com a finalidade de manifestar posicionamentos, sentimentos, estados de espírito daqueles que os postam e compartilham, de modo a, por extensão, contribuir para se construir, corroborar e ostentar um dado *ethos*. Parte dessas frases, como dissemos, é destacada de obras literárias, entrevistas, poemas, crônicas, entre outros, de autores consagrados da literatura brasileira ou internacional, outra parte é atribuída a esses autores, sem que eles de fato o sejam.

Destacados de seu contexto de produção e circulação, esses enunciados sofrem outras mudanças, tais como eventuais adaptações em sua forma linguística e extensão, ou em sua forma de apresentação, com a inserção de imagens, por exemplo. Tendo em vista essas mutações, nomeamos esses textos por *mensagens compartilhadas* de modo a descrevermos suas especificidades, em particular quanto ao funcionamento discursivo da autoria. Para tanto, apresentamos inicialmente um sucinto panorama histórico do que alguns estudiosos designaram como revoluções da leitura. Em seguida, levantamos junto ao nosso *corpus* de *mensagens compartilhadas* alguns exemplos em que se apresentam certos indícios diretos ou indiretos do exercício da *função autor*, analisando-os de maneira a traçarmos dadas injunções e coerções, de ordem discursiva, que atuam sobre a atribuição de autoria desses textos e que podem nos sinalizar certas representações da prática de leitura e do perfil dos sujeitos que leem, produzem e compartilham essas mensagens.

Para tal, apoiamo-nos na articulação teórica entre a Análise do Discurso, com ênfase nas discussões de Michel Foucault sobre a autoria, e a História Cultural,² em especial, nos estudos que se dedicam às práticas de escrita e de leitura, e por extensão à autoria, tais como empreendidos por Roger Chartier. Essa articulação baseia-se nas afinidades relativas desses dois campos, tais como no que concerne à abordagem dos textos que, seja na sua produção, seja na sua interpretação, não resultam de gestos individuais e exclusivamente subjetivos, antes, são fruto de práticas e de representações coletivas suscetíveis a injunções sociais, históricas e culturais, que regem toda e qualquer produção discursiva autorizando, impondo ou fomentando tanto o que dizer, as formas legítimas de dizer, as

² A mobilização, em conjunto, dessas duas teorias tem demonstrado suas potencialidades na análise em especial das práticas de escrita e de leitura da atualidade, tal como se pode conferir, entre outros, nos trabalhos de Barzotto (1998, 2001) e Curcino (2006, 2012).

posições sujeitos a serem adotadas por aqueles que tomam a palavra, quanto os modos legítimos de interpretar e avaliar o que é dito, e cujas especificidades cabem-nos levantar, descrever e discutir.

Do rolo à tela

Roger Chartier, nas obras *A ordem dos livros* (1998) e *Do leitor ao navegador*, apresenta-nos um panorama histórico das mutações nos modos de ler, no qual distingue entre as mudanças que impactaram a produção e a circulação dos textos e efetivamente seu modo de apropriação pelos leitores (a passagem do rolo ao códice, entre o século II e III), daquelas que, embora tenham impactado a produção e tenham contribuído para a ampla circulação dos textos num dado período, não necessariamente implicaram mudanças nas formas de lê-los, de acessá-los por parte do leitor (a invenção dos tipos móveis de Gutenberg, em meados do século XV). Se a primeira, segundo o autor, alterou a forma do livro e com ela as maneiras de ler, uma vez que, ao liberar as mãos do leitor, permitiu que se fizessem anotações no decorrer da leitura do texto, assim como se criasse uma série de formas de recuperação da informação no interior dos textos (tais como a indicação de páginas, de parágrafos), garantindo uma leitura/decodificação mais ágil dos textos e uma maior facilidade na retomada de trechos e na sua citação; a segunda mutação, referente à invenção do impresso, apesar de essencial para o processo de difusão da escrita e das ideias que sob a forma escrita puderam circular massivamente, o livro, tal como o conhecíamos antes do impresso, não sofre alterações em sua forma, nem implica uma mudança nas práticas de leitura.

Assim, se a mutação do rolo em códice altera a forma do livro, que então passa a ser organizado em cadernos, eventualmente encadernado, e passa a dispor de formas de recuperação da informação, tais como a paginação, a criação de sumários, a invenção dos tipos móveis e da prensa possibilita a multiplicação e a circulação dos textos em larga escala, sem que as estruturas essenciais do livro tivessem sido alteradas na passagem dos livros manuscritos aos livros impressos:

Por um lado, o livro impresso mantém-se fortemente dependente do manuscrito até por volta de 1530, imitando-lhe a paginação, as escrituras, as aparências e, sobretudo, considerando-se que ele deve ser acabado à mão: pela mão do iluminador que pinta iniciais com ornamentos ou histórias e miniaturas; a mão do corretor ou *ementador*, que acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor que inscreve sobre a página, notas e indicações marginais. Por outro lado – e mais fundamentalmente –, tanto antes quanto depois de Gutenberg, o livro é um objeto composto por folhas dobradas, reunidas em cadernos colados uns aos outros. (CHARTIER, 1999, p. 96)

Se a invenção da prensa e dos tipos móveis não correspondeu, segundo o historiador, a uma mutação efetiva do livro, de sua forma material, não podendo assim ser considerada responsável por uma revolução do livro e da leitura, o mesmo não se pode dizer do processo em curso, ou seja, o da produção, difusão e recepção eletrônica dos textos. Considerada revolucionária, essa última mutação dos livros não altera somente a técnica de reprodução dos textos. Ela modifica suas estruturas, proporcionando assim uma transformação “mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação de consulta ao suporte do escrito que se modificaram” (CHARTIER, 1999, p. 98). Assim, não se trata

apenas de uma mudança na forma dos textos, mas também uma mudança nas práticas de leitura, uma vez que, segundo o historiador,

[...] a revolução do texto eletrônico será, ela também, uma revolução da leitura. Ler num monitor não é o mesmo que ler num códice. Se é verdade que abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes: à materialidade do livro, ela substitui a imaterialidade de textos sem lugar próprio; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à apreensão imediata da totalidade da obra, viabilizada pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de muito longo curso, por arquipélagos textuais sem beira nem limites. Essas mutações comandam, inevitável e imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais. (CHARTIER, 1999, p. 100-101)

Semelhante à invenção dos tipos móveis e da prensa, a revolução eletrônica tem ampliado sobremaneira a produção de textos, de diversas origens, extensões e linguagens, e a circulação entre um público difuso, extenso, cujos usos, habilidades e interesses na leitura dos textos são variadas e de difícil precisão. Semelhante à invenção do códice, a revolução eletrônica dos textos autoriza, por parte do leitor, operações de intervenção no texto (notas, cópias, desmembramento e recomposição dos textos).

Como o leitor do manuscrito que podia reunir em um único livro obras de natureza muito diversa, unidas numa mesma coleção, num mesmo libro-zibaldone, o leitor da idade eletrônica pode construir à vontade conjuntos textuais originais, cuja existência e organização só dependem dele. (CHARTIER, 1999, p. 103-104)

Assim, a história das mutações dos objetos e das práticas de escrita e de leitura do passado, em sua relativa circularidade, ajuda-nos a compreender a ‘diferença’ ou a ‘repetição’ que se inscrevem na revolução da escrita e da leitura que atualmente presenciamos e que nos cabe descrever.

Maneiras de escrever e ler na rede: as *mensagens compartilhadas*

Com a digitalização de textos antes impressos e com a produção eletrônica de textos são várias as mudanças promovidas na sua recepção. Com a expansão da circulação dos textos sob a forma digital estabelece-se uma relativa quebra da barreira ao acesso aos materiais antes desconhecidos ou exclusivos de determinadas classes. Com a produção e circulação de diferentes gêneros e linguagens, de textos distintos em extensão, em conteúdo e em origem institucional, a apresentação desses textos via ‘tela’ produz uma sua inevitável “homogeneização”. Essa homogeneização, segundo Chartier (1999, p. 106), desfaz, ainda que temporariamente, a forma material que permitia a distinção e a categorização dos textos, graças, entre outras razões, à construção composicional e relativamente estável de sua aparência conforme um gênero, e ao seu suporte tradicional de origem, alterando assim “as formas que contribuíram para construir as suas significações históricas” e as hierarquias que já se encontravam relativamente estabilizadas na cultura impressa. Entretanto, apesar das mutações por que passam os textos, em sua forma de produção e circulação, ainda são as regras do impresso que regem as formas de apropriação:

[...] com a estrutura absolutamente inaudita da disposição do texto na tela existe sempre o esforço para impor nossos critérios e estruturas, pertencentes ao livro impresso, sobre o texto eletrônico [...]. Desta maneira, há em todo momento uma espécie de vontade, consciente ou inconsciente, de domesticar uma nova profissão, uma nova forma de livro, uma nova forma de suporte do texto, a partir do que era tradicionalmente conhecido e manejado com familiaridade. Estas defasagens são um tema importante. Em relação à tela como suporte do texto ou de multimídia, vemos esta domesticação por meio das categorias e critérios que ainda são os do livro impresso. (CHARTIER, 2001, p. 149)

Essa mutação na produção e na circulação dos textos sob a forma eletrônica contraposta às formas de ‘resistência’ na recepção, que tendem a aplicar as mesmas categorias analíticas e formas de controle institucionalizadas no universo do impresso aos textos do universo virtual, atestam a complexidade do processo de migração de uma forma a outra e de acomodação/adequação das formas dos textos e das práticas de apropriação (por empréstimo, recusa ou miscigenação). Um dos exemplos interessantes desse processo encontra-se nos usos das frases que compõem o que designamos *mensagens compartilhadas*.

Se considerarmos que, graças ao novo suporte eletrônico, é cada vez mais comum o compartilhamento dessas mensagens, ou ‘frases’ em páginas, perfis e murais de usuários nas redes sociais, com o objetivo de sinalizar o estado de espírito daquele que as compartilha, cabe-nos analisá-las em sua existência enunciativa, em seu funcionamento discursivo e em sua condição de acontecimento histórico.

Essas frases são oriundas, em sua maioria, de um processo de aforização, que conferiria “um estatuto pragmático específico a um enunciado desprovido do contexto” (MAINGUENEAU, 2011, p. 16). Certas frases, uma vez destacadas de seus textos de origem, e autonomizadas em enunciados com funções genéricas distintas, diferem-se quanto à função e ao significado que gozavam em seu contexto original. Dado o seu destaque e sua nova forma de circulação, sua apropriação, quase sempre, altera-se. A condição de destacabilidade de que certos enunciados gozam se comparados a outros em um mesmo texto pode ser explicada por aspectos próprios de sua estrutura linguística que lhe configurariam sua completude e por isso uma sua independência formal (propriedades prosódicas, rimas internas, dada extensão, certa aparência de completude) e semântica (atuação metafórica, sintética, genérica) aos olhos daqueles que os recortam de seu contexto e que os autorizaria proceder quanto aos destacamentos de certos enunciados em relação aos demais que compõem um texto.

A aforização de que nos ocuparemos aqui diz respeito às “frases” destacadas de obras literárias que circulam em páginas da rede social *Facebook* dedicadas exclusivamente à produção e compartilhamento de enunciados de determinados autores consagrados ou de obras que possuem um relativo sucesso editorial. As modificações por que passam os enunciados destacados para uso na condição de mensagens que são postadas em redes sociais vão além de sua seleção e destacamento de um contexto original. Esses enunciados frequentemente sofrem alterações formais em sua estrutura e em sua apresentação, de modo a alterarem seu estatuto anterior e adquirirem um novo, cuja finalidade passa a ser a de traduzirem as emoções, desejos e pensamentos daqueles que os compartilham, contribuindo para a constituição de um dado *ethos*.

De modo a analisarmos esses procedimentos de construção desse gênero, dedicando, neste artigo, especial atenção ao funcionamento da autoria, temos estudado três

páginas junto à rede social *Facebook* a partir das quais selecionamos as mensagens que compõem o *corpus* da presente análise, delimitado em função do recente sucesso de dois autores contemporâneos, Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu, entre os jovens que administram e que são seguidores dessas páginas, a saber, *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*³; *Caio, Tati e Clarice o que me diz?* e *Trechos de livros, todas disponíveis on-line pelo Facebook*. A primeira postagem da página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*⁴ foi realizada em 20 de dezembro de 2011 com a proposta de se dedicar à postagem de mensagens compostas de frases atribuídas aos dois autores que a nomeiam. Em 21 de dezembro de 2012, a página encerrou suas postagens temáticas exclusivas, contando com um arquivo de 1.278 *mensagens compartilhadas* publicadas.⁵ A página intitulada *Caio, Tati e Clarice o que me diz?*⁶ acresce às mensagens dos dois autores aquelas baseadas em frases de Tati Bernardi,⁷ cuja justificativa da escolha desses três autores, apresentada pela administradora da página, é: “A Clarice Lispector é o meu lado fofo. A Tati Bernardi é a minha revolta. E o Caio Fernando Abreu? Ah, o Caio simplesmente me conhece e sai contando de mim”. Sua criação ocorreu em 24 de outubro de 2011, contando, até o momento, com 5.711 mensagens publicadas.⁸ A terceira página de nosso *corpus* não se dedica somente à publicação de *mensagens* atribuídas aos dois ou três autores mencionados, expandindo suas publicações a enunciados destacados de livros que possuem um relativo sucesso editorial, de nomes consagrados da literatura, entre outros. A página *Trecho de livros*,⁹ diferentemente das outras duas, além de sua criação no Facebook em 2012, já figurava anteriormente em outra rede social, *Twitter* (final de 2011). A página conta com um arquivo de publicações de 7.984 mensagens. Dentre as páginas selecionadas para nossa análise, esta é a que conta com o maior número (1.057.381) de curtidas de usuários do *Facebook*.

³ A atualização da página *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector* atualmente não se restringe a enunciados voltados exclusivamente aos autores que a nomeiam. Assim, nossa análise recaiu sobre o *corpus* de mensagens temáticas do período de 20 de dezembro de 2011 a 21 de dezembro de 2012. Desde então ela publica uma miscelânea de textos, o que não significa dizer em que predominam publicidades de roupas e produtos de beleza, textos religiosos (salmos, sobretudo), fotos masculinas com comentários femininos, e vez ou outra algum texto com mensagem de origem literária. A página conta até o momento com 91.624 curtidas, o que representa, em certa medida, a simpatia pelo conteúdo postado.

⁴ Disponível em: < www.facebook.com/mundodecaioclarice >. Acesso em: 26 out. 2014.

⁵ A quantidade de usuários que seguem uma página e também demonstram a partir deste a sua simpatia pelo conteúdo postado é sinalizado pelo número de curtidas no *Facebook*.

⁶ Disponível em: <www.facebook.com/pages/CAIO-TATI-E-CLARICE-O-QUE-ME-DIZ/236767866381944>. Acesso em: 26 maio 2014.

⁷ Tati Bernardi é escritora, blogueira e roteirista. Em sua conta no microblog Twitter (@tati_bernardi) escreve para 124 mil seguidores e também mantém seu blog (<http://www.tatibernardi.com.br/blog/>) há sete anos, o que possibilitou um amplo espaço de circulação para os seus textos. No cinema e na TV, respectivamente, se destacam o filme *Meu passado me condena* e a série *Aline* exibida pela Rede Globo.

⁸ A página conta com 3.930 curtidas, o que não é um número muito alto em comparação às outras páginas que compõem nosso material de análise, no entanto, dentre as páginas que se dedicam à postagem de mensagens atribuídas a esses autores, é uma das poucas que ainda mantêm atualização constante. Quanto ao número de publicações, apresentamos o dado bruto, sendo necessária uma triagem para que obtenhamos o número efetivo de mensagens, depois de descartadas todas as publicações de mensagens repetidas, o que será realizado com todas as páginas presentes no *corpus*.

⁹ Disponível em: <www.facebook.com/TrechosDeLivrosPaginaOficial/timeline>. Acesso em: 26 out. 2014.

Além de analisarmos algumas estratégias de escrita e construção dessas *mensagens compartilhadas*, nos dedicamos aqui mais especificamente ao levantamento e análise de comentários de seus leitores que nos apresentam indícios de suas maneiras de ler e das apropriações desses fragmentos de textos, por meio de enunciados em que manifestam reconhecimento ou recusa da atribuição de autoria às *mensagens*, sinalizando sua maior ou menor autoridade como leitor/leitora de uma dada obra, de um dado autor, de um certo gênero, conhecedor de regras e modelos de apropriação validados por instituições escolares/literárias/acadêmicas.

Nas *mensagens compartilhadas*, a atribuição da autoria desempenha papel semelhante ao do funcionamento dessa categoria em textos que tradicionalmente, na nossa sociedade, exigem essa inscrição. Esse funcionamento confronta-se e regula-se, ainda, com usos heterodoxos por parte dos sujeitos que escrevem, compartilham e leem essas mensagens, o que não significa dizer, tal como se apresenta em alguns enunciados de leitores que denunciam as relativamente comuns atribuições equivocadas de autoria, que se trate de um uso desregrado, selvagem, indiferente às normas institucionais que regulam e legitimam as apropriações. Como um fato de discurso, o funcionamento da autoria nessas mensagens se dá de forma regrada, regida por ordens que definem o que se pode e se deve dizer e as maneiras de se enunciar, pois,

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8-9)

Formas de exercício da autoria em *mensagens compartilhadas*

Entre as reflexões sobre as condições de funcionamento do discurso empreendidas pelo filósofo Michel Foucault (1992, p. 34), encontram-se suas análises da *função autor*, como um dos elementos que constituem um texto, não apenas por ter efetivamente em sua origem um indivíduo que o tenha escrito, e que possa nele ser representado por formas linguísticas como o pronome “eu”, mas, e sobretudo, por se tratar de “uma figura que lhe é exterior e anterior”, histórica e cultural, cuja autoridade, legitimidade, obrigatoriedade não lhes são propriedades intrínsecas ou antropológicas que, por essas razões, não se alterariam.

Por se tratar de um fenômeno, de uma categoria discursiva, o nome de autor não desempenha o mesmo papel que um nome próprio. Ele “assegura uma função classificativa; [...] permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos” (FOUCAULT, 1992, p. 45), enfim, relacioná-los a outros e compartilhar com estes de estatuto social e cultural semelhante. Por essa razão, nem todos os textos que circulam em nossa sociedade letrada são providos dessa *função autor*. No entanto, é preciso ressaltar que não se trata, para o filósofo, da negação da existência do indivíduo que escreve, mas antes da compreensão dos mecanismos a partir dos quais certos textos são autorizados a receber um nome próprio que desempenhe a *função autor*, “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 46).

Ao buscar nas formas variáveis de constituição e exercício dessa função aquilo que permite a um indivíduo num dado tempo e espaço ser investido dessa posição, Foucault (1992) apresenta quatro características essenciais dessa função: a primeira diz respeito à concepção de propriedade sobre um texto, seja sob o ponto de vista jurídico e/ou institucional, constituído, do ponto de vista histórico, bastante recentemente, a partir do momento em que o autor, e o seu dizer, foram considerados transgressores, e por isso passíveis de punição; a segunda característica refere-se à instabilidade de uso dessa função que “não se exerce de forma universal e constante” sobre todo e qualquer texto, uma vez que textos que hoje compulsoriamente recebem o nome de autor, nem sempre foram marcados ou exigiram essa forma de classificação, de indicação, como é o caso dos textos literários; a terceira característica da função autor é a de que ela não se forma espontaneamente, ao contrário, ela é fruto de uma “operação complexa de constituição” que regula em cada campo de saber as qualidades e saberes necessários para a concessão do nome de autor a um dado sujeito; e a última e quarta característica refere-se a marcas, a signos dispostos nos textos que remetem a um indivíduo singular, ou mais especificamente a uma pluralidade de egos, a uma dispersão de ‘eus’, por não haver correspondência direta entre aquele que enuncia na apresentação de um livro e aquele que assume, por exemplo, a posição de narrador em 1ª pessoa, ao longo do enredo.

Considerando essas características da *função autor* e o fato de que corresponde a uma função vazia, ou seja, a uma posição sujeito que diferentes indivíduos podem exercer, desde que sujeitos às regras históricas e culturais de funcionamento dos discursos, descrevemos algumas especificidades do modo de funcionamento da autoria nas *mensagens compartilhadas* das páginas que constituem nosso *corpus*. Em relação à mensagem a seguir, postada em *O Mundo de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector*,¹⁰ um dos leitores internautas, no segundo comentário, questiona um possível equívoco na atribuição de sua autoria:



Figura 1. Mensagem Compartilhada – Caio Fernando Abreu

¹⁰ Disponível em: <<http://migre.me/mLti4>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

- (01) Enxergue as pessoas como elas realmente são. Tire o Enxergue as pessoas como elas realmente são. Tire o photoshop, a trilha sonora, o close de melhor ângulo, a maquiagem e as roupas de marca e o cheiro do melhor perfume. Adicione o mau humor, as olheiras, os problemas, as manias, os defeitos. Agora sim, decida-se.
- (02) Desculpe a minha ignorância, mas esta frase é mesmo do Caio Fernando Abreu? Ele realmente falou de photoshop? Já havia isso antes dele morrer?

Em relação à mensagem, ela se compõe de um enunciado verbal breve, composto de quatro frases, que é ilustrada com uma imagem fotográfica, em destaque por sua amplitude, localizada na lateral esquerda da página. Apresenta a repetição do trecho “Enxergue as pessoas como elas realmente são”, o que de início produz um truncamento, equívoco que se pode interpretar como falha ou relativo descuido na utilização do recurso *copiar e colar* que permite que trechos de textos sejam recortados de livros ou documentos disponibilizados *on-line*, em formato word ou pdf, e possam figurar em outros lugares e serem editados. A utilização das ferramentas de copia e cola na rede é muito comum e tributária ou fomentadora de uma outra prática: a da composição e utilização de repositórios de mensagens *on-line*, tais como o *Pensador Uol*¹¹ e outros *sites* de armazenamento.

Além desse indício material que caracteriza a prática de escrita de usuários dessa rede social, outro traço que pode ser identificado, e coincide com aquele que é empregado por um leitor para questionar a legitimidade da autoria da mensagem, diz respeito ao emprego da palavra “photoshop”, que corresponde a um termo de uso relativamente recente, tendo em vista que esse programa usado para edição de imagens foi lançado pela *Adobe* em 1990 e popularizou-se mais recentemente, a partir de 1994, quando o programa também foi desenvolvido para o sistema *Windows*.

Se considerarmos que o autor referido morreu em 1996, a probabilidade de ele já ter citado esse termo técnico em seus textos é baixa, o que se explicaria, seja por não se tratar de um enunciado do autor, seja em função das formas de apropriação de textos que são postados na rede, e que autorizariam a edição, a adaptação, a incrementação dos textos, dadas as facilidades de edição, a lógica colaborativa comum no universo virtual, a relação menos hierárquica, porque menos institucionalizada, quanto à preservação da identidade de um texto que originalmente circula com o nome de um autor, dentre outras razões. Quanto ao comentário, ele manifesta as regras que partilhamos socioculturalmente acerca da autoridade investida no nome de certos escritores e da inviolabilidade de um texto reconhecido como literário.

Embora se alterem as regras de produção e apropriação de textos com a difusão de tecnologias que facilitam a reprodução, reconstrução e difusão, instituindo usos antes desconhecidos ou pouco difundidos, de pouco impacto, observa-se, de modo geral, um funcionamento discursivo dessa produção/recepção de textos herdeiro das regras, dos modelos, das formas autorizadas de uso dos textos segundo o universo impresso, como se observa em relação ao funcionamento da autoria, nesse caso. Por um lado, em seu comentário o leitor afirma sua não especialidade no assunto, cuja modalização pode ser explicada seja por certa ironia, seja pelo peso compartilhado culturalmente da representação

¹¹ *Pensador Uol* (www.pensador.uol.com.br) é um *site* de repositório de frases, citações e textos de autores famosos. Em nossa busca na rede pela origem dos enunciados destacados de obras de Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector (ou atribuídos a essas obras), muitas das mensagens nos remetiam diretamente a esse *site*.

do grau de autoridade tradicionalmente exigido para se ocupar o lugar de crítico de uma produção que pertenceria à “alta cultura”; por outro, demonstra menos a preocupação em restituir a autoria a quem de direito, e mais a preocupação de afastar aquilo que não tendo sido dito, total ou parcialmente pelo autor, não deve lhe ser atribuído.

A emergência de um comentário avaliativo como o que se apresenta no exemplo advém das eventuais alterações em algo enunciado por um sujeito, cujo nome, numa dada cultura, funciona como nome de autor, ou da equivocada atribuição de autoria de um texto. Nesse comentário ecoam formas de apropriação limites, ou seja, que se encontram no limite de duas (ou mais) culturas, no exato ponto de partilha, cujas fronteiras são mais complexas e cujas regras e modelos de apropriação que as distinguem se interpenetram e, por isso, conferem maior interesse à pesquisa de fenômenos culturais como esse da circulação de enunciados destacados de textos (conhecidos ou não) cuja disputa da propriedade dessas atribuições revelam formas de funcionamento discursivo de um dado campo, num dado tempo.

Outro comentário, que visa a responder ao comentário anterior, é bastante relevante no que diz respeito a nosso interesse em levantar e descrever formas de exercício da autoria na rede. Nele observamos a sinalização de uma prática corrente nesse ambiente virtual de troca de textos, a saber, o reconhecimento de que muitos textos no universo eletrônico são produzidos coletivamente, ou podem ser apropriados de forma participativa, melhorados, incrementados, ilustrados e reencaminhados sem perda de sua qualidade, ou sem a necessidade de alterar sua referência original.

(03) Talvez quem tenha falado do photoshop, tenha sido a segunda pessoa né??

Nesse comentário, verificamos uma possível justificativa do uso da palavra *photoshop* no trecho citado. Segundo esse leitor a utilização da palavra só pode ser possível pelo acréscimo feito por uma segunda pessoa. Entendemos que a segunda pessoa a quem o leitor se refere é aquele que realiza o processo de seleção, destacamento e adaptação do texto, nesse caso, os produtores da página ou os produtores dos repositórios de mensagens que podem ser utilizados como fontes para a postagem de *mensagens*, o que lhe permitiria tecnicamente exercer uma espécie de coautoria das *mensagens*, ainda que não reivindicada.

As razões dessa não reivindicação de coautoria, ou das formas de indicação dessa coautoria são várias. Em alguma medida, é consensualmente compartilhado o fato de que o destacamento de uma frase de um texto, a sua circulação em outro meio que não o impresso em que circulou originalmente, a inserção de imagens ou de músicas em sua atualização virtual, não corresponderia a procedimentos que afetariam a autoria do enunciado, apenas lhe dariam uma maior evidência, uma difusão, um uso laudatório de sua beleza e de seu valor. Esses procedimentos de intervenção no texto não são, portanto, reconhecidos como tais, enquanto a inclusão de uma palavra ou de uma frase o seria. Por isso, essa forma de intervenção em uma produção autoral torna-se mais saliente ao olhar, passível de repreensão e de questionamento, uma vez que remonta à história das regras de identificação do autor de um texto (com vistas à punição) e de distinção das produções e criação do *copyright* (por razões do mercado livreiro)¹² que se encontram na origem do imaginário valorativo e das regras de atribuição de autoria que hoje compartilhamos.

¹² Cf. Foucault (1992) e Chartier (2012).

Sobre essas regras e valores que nos chegam ainda que sob a forma de um eco, de um fundo sociocultural relativamente consensual do qual, embora não compartilhemos todas as suas especificidades e extensão, sejamos seus reiteradores, é preciso apreendê-las e descrevê-las nessas ocorrências singulares, eivadas de embate, de disputa e de polêmica, como podemos constatar também no exemplo¹³ a seguir:



- (04) Quería voltar a ser criança, porque os joelhos ralados curam bem mais rápido que os corações partidos.
- (05) Desculpem, mas há no facebook uma confusão de frases entre autores e escritores. Já vi letra de Oswaldo montenegro assinada como o nome de Miley Cyrus. Não consigo creditar nenhum livro, crônica ou entrevista de Clarice que contenha esta frase, gostaria da fonte por favor... visto que nada desta frase se aparenta com o genero literario da autora, minha favorita.

No comentário (5) acima, o leitor parte de um pressuposto amplamente divulgado, conforme já explicitamos aqui, de que na internet há uma certa fluidez na atribuição de autoria o que estaria na origem da troca e da confusão frequentes da autoria de certos textos. Para o leitor que comenta a mensagem, o que lhe impede de reconhecer como verdadeira a atribuição dessa frase a Clarice Lispector encontra-se em seu domínio de traços recorrentes, próprios da obra da autora, o que se atesta por meio de pelos menos três argumentos. O primeiro argumento pauta-se na afirmação relativamente consensual de que é corrente hoje em dia “a confusão de frases entre autores e escritores” no *Facebook*, afirmação que pressupõe ser de conhecimento geral a prática mencionada. O segundo argumento corresponde ao apelo a um exemplo do fenômeno que se discute, não de qualquer forma, uma vez que no comentário o sujeito se apresenta como testemunha do exemplo relatado, o que configura um elemento importante da argumentação. Por fim, um terceiro argumento presente nesse comentário pauta-se numa espécie de “carteirada”, como se se dissesse “você sabem com quem está falando”. Nele se afirmam as qualificações daquele que enuncia e que validam suas afirmações pela ‘autoridade’ que é invocada para si, atribuindo-se a especialidade em um dado assunto. Outorga-se assim um lugar de enunciação que estabelece uma hierarquia e descredibiliza o outro, fortalecendo-se na disputa argumentativa.

¹³ Disponível em: <<http://migre.me/mLsSL>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

Ao argumentar se tratar de “sua escritora favorita”, de não reconhecer o estilo de escrita próprio de sua obra e de não ter encontrado a referida frase em nenhuma produção que constitui a obra da autora citada, o sujeito que questiona a sua autoria vale-se de uma noção, que tal como a de “autor” precisaria ser colocada em suspenso para compreendermos seu funcionamento específico e sua condição de emergência e mutações históricas, a saber, a noção de obra, tal como afirma Foucault (1992). O filósofo questiona em que medida todo material produzido por um autor pode ser considerado como parte integrante de sua obra e em que medida essa construção (a obra) remete e constrói a condição de autor? Por isso ele pergunta “O que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos obra? Que elementos a compõem? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor?” (FOUCAULT, 1992, p. 37).

A obviedade dessas duas noções é assumida pelo sujeito do comentário, como duas unidades de sentido óbvio, transparente, compartilhado, segundo a qual só se é autor se se possui uma obra e só possui uma obra se se é autor, e um dos traços que articularia essa relação direta entre obra e autor corresponderia ao ‘estilo’, também concebível como algo apreensível, identificável, de conhecimento tangível, responsável pela identidade e pela identificação de um enunciado como pertencente (ou não) a uma obra, a um autor.

Considerações finais

Tanto essas mensagens, quanto os comentários de seus leitores, compartilham representações da ‘autoria’ próprias de nosso tempo. Ainda que pareçam divergir, uma vez que se estabelece um confronto entre práticas de apropriação de textos distintas e relativamente indiferentes às regras de um campo, de um lado, e sua condenação de negligência na sua atribuição indevida a certos textos, ou na sua relativa liberdade de intervir em textos que, em função de sua condição autoral e pertencentes a uma obra, não deveriam ter sua integridade desrespeitada, de outro, observamos a relativa perenidade e força da necessidade de atribuição de autoria a essas mensagens.

Mais do que sua decadência, a presença do nome de autor nos textos dessas mensagens, ainda que de forma heterodoxa, comprova a vitalidade de seu emprego e as peculiaridades do exercício dessa função autor. A atribuição de autoria garante a um texto, ainda que não se trate de uma referência precisa e adequada, uma forma de circulação específica, uma recepção distintiva, que o diferencia de um texto cotidiano qualquer, garantindo-lhe um dado estatuto, uma forma de recepção mais ritualizada, solene. Ainda que alguns usos nas redes sociais sinalizem para uma certa indiferença às regras culturais, acadêmicas de atribuição de autoria, que distinguem textos canônicos, de origem literária, de outros textos dispostos mais abaixo na hierarquia da economia cultural de textos de nosso tempo, sua manutenção e emprego em textos como o das *mensagens compartilhadas* aqui exemplificados são provas incontestes da relevância compartilhada entre os produtores dessas mensagens e seus leitores, sejam elas de autoria confirmável ou não.

Assim, se a revolução eletrônica impôs mutações expressivas nas maneiras de produzir textos, nas formas de sua circulação, na proliferação de maneiras de apropriação, convergentes ou não àquelas concebidas pelos autores e editores que a trouxeram à luz, tendo em vista um perfil de leitor e uma forma de consumo específicos, e que se encontravam relativamente estáveis na cultura impressa, ela também apresenta-nos os lugares

de confluência, similitude, continuidade das práticas, cujo alcance e especificidades cabe-nos, continuamente, analisar.

REFERÊNCIAS

BARZOTTO, V. H. *Leitura de Revistas Periódicas: forma, texto e discurso – um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)*. Tese (Doutorado) – IEL/Unicamp, Campinas, 1998.

_____. Limites na leitura: o texto e seu suporte. In: GREGOLIN, M. R.; CRUVINEL, M. F.; KHALIL, M. G. (Org.). *Análise do Discurso: entornos do sentido*. Araraquara: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2001. p. 243-248.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Editora Unesp, 1998.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CURCINO, L. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA*. 337f. Tese (Doutorado) – FCLAR, Unesp, Araraquara, SP, 2006.

_____. Velhos novos leitores e suas maneiras de ler em tempos de textos eletrônicos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, p. 1013-1027, 2012.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais. 3. ed. Lisboa: Vega, 1992.

MAINGUENEAU, D. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. In: MOMESSO, M. R.; SCHWARTZMANN, M. N.; ABRIATA, V. L. R.; FERREIRA, F. A. (Org.). *Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas*. v. 6. Franca, SP: Universidade de Franca, 2011.

MUCHAIL, S. T. Michel Foucault e o dilaceramento do autor. *Margem*, São Paulo, v. 16, p. 129-135, 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16sm.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.